

Luis Paul Muñoz Celleri

TEOLOGIA DOS ANDES

Fé e interculturalidade



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

SUMÁRIO

9	Agradecimentos
11	Prefácio
17	Introdução
27	1. Cosmovivência Andina
27	1.1 O andino no contexto global
30	1.2 O andino: um conceito visto de vários ângulos
31	1.2.1 Uma categoria geográfica e topográfica
33	1.2.2 Uma categoria histórica
34	1.2.3 Uma categoria social e cultural
35	1.2.4 Uma categoria étnica
35	1.3 Razão andina e lógica da relação
36	1.3.1 Para além da razão ocidental
46	1.3.2 Princípios
51	1.4 A trilogia andina
52	1.4.1 O cosmos
62	1.4.2 A transcendência
67	1.4.3 A comunidade
91	2. Construir Sabedorias Descoloniais
91	2.1 O problema da modernidade e a questão colonial
92	2.1.1 Modernidade: questão semântica
98	2.1.2 A colonialidade: o lado escuro da modernidade
101	2.1.3 Problemática da modernidade e o caso da América Latina
105	2.1.4 Modernidade e modernização em América Latina

109	2.2 Níveis da colonialidade
110	2.2.1 A colonialidade do poder: raça, capital, eurocentrismo e gênero
122	2.2.2 A colonialidade do saber: abusos epistêmicos
127	2.2.3 A colonialidade do ser/relações
131	2.3 Construir a partir das fissuras: interculturalidade crítica
131	2.3.1 Inculturação sob suspeita
134	2.3.2 O giro descolonial das sabedorias insurgentes
156	2.3.3 Descolonialidade
191	3. Hermenêutica Teológica Intercultural
191	3.1 Fundamentos teológicos da interculturalidade
192	3.1.1 Conceito de religião: análise religiosa da cultura
196	3.1.2 Cultura como teia de significados e forma da religião
200	3.1.3 Cultura e religião no mundo andino: uma relação possível?
204	Espiritualidade, outra palavra para falar em religião?
215	3.1.4 Cultura como lugar teológico
228	3.1.5 Eixos para uma hermenêutica teológica intercultural
242	3.2 Fundamentos bíblicos da interculturalidade
242	3.2.1 Interculturalidade no Novo Testamento
244	3.2.2 O Reino de Deus: uma proposta intercultural
247	3.2.3 O encontro de Jesus com a mulher cananeia (Mt 15,21-28)
271	4. Notas Para Uma Teologia Com Rosto Andino
272	4.1 A inculturação como processo
273	4.1.1 Inculturação na interculturalidade
282	4.1.2 Magistério
290	4.1.3 Teologia Índia
316	4.2 Teologia andina: desconstrução intercultural
319	4.2.1 A teologia andina como realidade e projeto
324	4.2.2 Características da teologia andina
336	4.2.3 Propostas e iniciativas desde o cristianismo
339	4.3 Convergências teológicas
340	4.3.1. Revelação e tempo no mundo andino

352	4.3.2 Pautas para uma cristologia desde os Andes
373	4.3.3 A era da interculturalidade como sopro do Espírito
435	Conclusão
443	Bibliografia

AMOSTRA

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Trino e Uno, por me ter engendrado em um solo sagrado cultural e religioso, que permitiu tecer minha existência como teólogo e consagrado a serviço do Reino.

À minha família de sangue e de consagração religiosa por oferecerem o apoio, o tempo e a oportunidade para realizar esta investigação.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo incentivo financeiro e acadêmico durante estes anos de pesquisa.

Aos professores que ousaram pensar e trilhar caminhos fora do hegemônico, de modo muito especial ao orientador Luiz Carlos Susin e aos examinadores que constituíram a banca.

Aos colegas e estudantes de teologia por seus questionamentos e contribuições nas partilhas de ideias e material bibliográfico para a produção da tese.

Ao *Instituto Latinoamericano de Misiología* (ILAMIS), de Cochabamba, na pessoa do professor Roberto Tomichá Charupá e seus colegas, ao serem solícitos no intercâmbio de materiais de Teologia Índia, durante o período mais crítico da pandemia.

Aos amigos e às amigas da caminhada que, com suas experiências, atravessaram minha existência e influenciaram na pesquisa.

PREFÁCIO

A humanidade hoje parece ser (metaforicamente falando) uma dobradiça, com uma grande parte modernizada e secular (ou julgada como pouco moderna), e outra parte seria mais espiritual, ancestral, polimórfica. Entre esses polos existiriam alguns eixos mediadores, como a busca da felicidade, da pacificação, da plenitude; isso ocorre em meio a perplexidades, conflitos, ameaças, consensos. Falam sobre o que é aceitável e civilizado; e do progresso mágico e carente.

Pelo contrário, é melhor confrontar dualismos e dilemas. Você sente e aprende muito indo de um lado para o outro, passando de muitos conceitos para maravilhas curativas, reconhecendo raízes e árvores de conhecimento, questionando mediocridades, sendo apaixonado pelo futuro e pelo passado, sendo grato por cada gentileza. Gerar maior dignidade e equidade.

De minha parte, alguns detalhes; cresci e fui treinado em cidades e privilégios; passei muitas décadas no Chile e no Peru. Escritor e professor semiaposentado. Colaboro eclesiásticamente.

Na vasta região andina pratica-se o bem viver, cujas características autóctones e mestiças tendem a se correlacionar com a antiga tradição cristã. Esta coexistência é afetada pelos neo-colonialismos, pelas resistências, pelas renovações de natureza relacional e pelos esforços que desafiam o mal. A pluralidade criativa é abundante nas regiões andinas. Viver é cultivado e

morrer é suportado; acontecimentos culturais e históricos são apreciados e sofridos. Desenham-se teologias, trajetórias eclesiais, espiritualidades.

O que Luis Paúl Muñoz Célleri conseguiu é louvável. Ele conecta as mudanças nos acontecimentos andinos com o trabalho teológico derivado do Evangelho cristão. A sua obra em português – Teologia dos Andes – favorece uma transformação integral e uma responsabilidade em cada espaço e tempo onde a fé se reflete. Por ser uma elaboração especificamente andina, tem impacto universal, indicando caminhos para a felicidade humana e a bênção divina. O andino é flexível; ilumina populações do Brasil e de outras latitudes. O local é ambivalente e exige transformação e diálogo entre diferentes realidades que optam por viver com respeito.

Não se trata de transferir algo de um universo cultural para outros territórios. Pelo contrário, o colega Luis Paul divulga e examina de forma inter-científica e teológica os caminhos apropriados em nosso tempo de mudanças aceleradas. O trabalho inter-trans-cultural é, portanto, exigente e muito relevante em qualquer pensamento esperançoso e simbiótico.

A realidade andina implica uma cosmovivência de natureza relacional, transcendente e imanente; uma tríade de cosmos, divindade transcendente, ser humano comemorativo em comunidade. É o primeiro capítulo deste livro. No próximo capítulo, Luis Muñoz desenvolve conhecimentos decoloniais: epistemologia do coração e antropologia sócio-política. O seu terceiro capítulo – dedicado à teologia com hermenêutica e intercultural – está enraizado na história bíblica da mulher sírio-fenícia; e o capítulo final expõe feições comunitário-eclesiásticas de rosto andino e com fundamentos na Encarnação, na Páscoa, no Pentecostes. Sem dúvida é um itinerário reflexivo e prático que abre mentes e corações ao Espírito vivificante de Jesus Cristo e ao seu chamado universal.

Confiar e acreditar no amor de Deus implica trocas empáticas e culturais na história da humanidade. Isto também implica laços equitativos e decoloniais entre pessoas, associações, povos. Tudo isto é brilhantemente considerado por Luis Muñoz nos nossos contextos andinos e sul-americanos. Estas são significativas para aqueles que estão localizados e são evangelizados e ao mesmo tempo evangelizadores em outras latitudes. O particular tem relevância e potencial universal. A vivência e ética cristã estão correlacionadas com várias formas de acreditar em entidades curativas e gentis. Portanto, é prioritário receber e gerar vida plena. Ao pensar e celebrar, a humanidade forja existências sociais com seus rostos e desejos. Nasce da terra. Expressam-se sensibilidades, itinerários vitais, transcendências. O sofrimento é sopesado; vislumbra-se a esperança: e ficamos emocionados com a festa.

Com critérios evangélicos, as comunidades invocam o Espírito de Jesus Ressuscitado que se manifesta em todas as esferas humanas e que se celebra no universo que sofre as dores do parto. O fator cristão não é monocultural nem colonialista, nem discrimina as trajetórias de fé que florescem em todo o lado.

Nos últimos anos, todos testemunharam o drama daqueles que estão dilacerados. Os seus hábitos de crença saudáveis são muitas vezes desqualificados; levantam-se dilemas errados: ou andino ou ser ocidental, ou participar de ritos afro-americanos ou ser ativista na igreja, ou superstições amazônicas ou a única verdade e moralidade válidas. Isto não apenas separa as pessoas, mas também destrói as forças sócio espirituais.

Porém, não se esquece o que foi realizado em vários espaços andinos e por associações com avanços concretos e perspectivas renovadoras. Isto é retomado e redefinido ao longo desta obra. Se eu tivesse este texto (e outras contribuições) há cerca de 50 anos, teria dialogado com referenciais teórico-práticos que hoje não podem ser adiados. Entristece-me saber que só recentemente tive acesso

a metodologias e conteúdos que nos levam adiante. Convido você a abrir novas questões e itinerários.

A este respeito, também me lembro de erros. Menciono alguns agora. Tenho sido responsável por atividades em paróquias que celebram santos padroeiros ao longo do ano, e algo comum são as danças folclóricas na veneração de imagens católicas; todos os anos; isso aconteceu nas praças e ruas da cidade. Pedi aos grupos de dança que dançassem no ofertório e no final da Eucaristia, expressando a sua gratidão ao Senhor; poucos grupos concordaram com meu convite. Algo pior foi quando perguntamos aos paroquianos (que costumam mascar folhas de coca nas cerimônias e ações diárias) se no final da missa na porta do templo não haveria problema em distribuir algumas folhas a cada participante para que eles retornem com segurança para suas casas. Também não funcionou. Mas houve outra iniciativa aceitável e fecunda, quando membros da equipe paroquial saíram do templo e juntamente com os restantes recebemos folhas daquela planta sagrada e alguns copos de cerveja. Faltam a esses disjuntores da pedagogia evangelizadora os critérios que a obra de Muñoz Célteri oferece com insights saudáveis e pontos para confrontos inevitáveis. Qualquer procedimento, bem planejado ou mais ou menos artificial, beneficia de referências ao procedimento dos testemunhos apostólicos e das comunidades responsáveis em cada território.

Vale a pena recordar a qualidade intercultural na prática e na mensagem de Jesus. Destaca-se a história de Jesus e da mulher cananéia (em Mt 15, tão bem abordada por Luis Paul), e o chamado universal para entrar na festa do Reino de Deus. Da mesma forma, somos desafiados por diversas atividades e expressões de Pedro, Tiago e Paulo (narradas em Atos dos Apóstolos, capítulos 15 a 17). Existem situações controversas e há luzes para então, para agora e para amanhã.

As diferenças e conjugações culturais merecem ser enfrentadas de forma empática, empírica, sapiencial, doutrinária, testemu-

nhal. A audácia que vem do Espírito é contagiante e saudável desde os confins da história. Eles são redescobertos e podem ser compartilhados a partir de cosmovivências de jovens andinos, maias, afros, metropolitanos, amazônicos, mestiços, pessoas em sofrimento, solidariedade e compaixão.

Diego Irarrázaval, csc¹

(Amerindia -Bendita Mezcla-; eatwot:
Asociación de teólogos/as del tercer mundo)

AMOSTRA

Nota

- 1 Autor de: Religión del pobre y liberación (1978), La fiesta (1998), Teología en la fe del pueblo (1999), Inculturación (2000), Un Jesús Jovial (2003), De baixo e de dentro (2007), Itinerarios en la fe andina (2013), Indagación cristiana en los márgenes (2013), Raíces con Alas (2018), Humanización con María (2023), Espiritualidad por rutas americanas (2022). En preparación: Creencias, al progresar, al convivir (2024)

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos de história da América Latina, teve lugar uma irrupção notória dos povos indígenas. Os estudos interculturais a partir da fé cristã colaboraram no diálogo possível ao qual a reflexão teológica está chamada. Nesse sentido, cabe retomar um aspecto mencionado pelo episcopado latino-americano reunido em Aparecida, em 2007. O documento resultante da Assembleia aponta que a cultura indígena, assim como a de outros povos, emerge na sociedade e na Igreja como um *kairós*. Esse entendimento por parte dos bispos permite aprofundar o encontro da Igreja com os setores que reclamam o reconhecimento de seus direitos levando em conta sua cosmovisão, valores, identidades particulares na oportunidade de viver um Pentecostes eclesial (DAP, 91). No contexto do pontificado de Francisco, a Igreja manifestou uma sensibilidade especial para refletir a presença e a construção de um cristianismo de acordo com as realidades indígenas, especialmente à luz da *Querida Amazônia*. O tempo continua sendo favorável para alargar essas discussões, agora dentro da caminhada da Teologia Latino-Americana e sua contribuição libertadora.

Como proveniente de uma cultura andina, desde a graduação em Teologia (2012-2015), pelo fato de estar em diáspora, na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), os trabalhos científicos foram direcionados à pesquisa histórico-latino-americana como forma de enfocar os assuntos

indígenas. O objeto de estudo em questão na graduação de teologia privilegiou a partir da história do evento de “Guadalupe”, da eclesiologia e religiosidade popular, com o seguinte título *Maria, figura da Igreja*.

Por sua vez, a dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia (PPGTEO) da PUCRS, cujo título *Teologia e sumak kawsay: o diálogo com a sabedoria do bem viver* estabeleceu um diálogo entre a cultura dos povos originários andinos e a fé cristã, a partir do paradigma guarda-chuva *sumak kawsay*. É essa expressão de caráter normativa que concentra a cosmovisão andina e que encontra um ponto comum com o cristianismo: a busca pela vida plena.

Diante das conclusões alcançadas na pesquisa acadêmica, em nível de mestrado, e com uma ousada pretensão de radicalizar e determinar um diálogo direto entre cultura andina e fé cristã na presente obra, optou-se pela continuidade dos estudos interculturais que a teologia tem alcançado nos últimos anos. Assim, parte-se da reflexão teológica latino-americana em colaboração com a filosofia andina como transfundo sapiencial, a antropologia social como fator de criticidade e os esforços eclesiais por uma teologia interculturada na América Latina.

O problema que perpassa a pesquisa coloca-se através do seguinte questionamento: Como pensar o cristianismo a partir do mundo andino, sem deixar de lado a objetividade da revelação na concepção cristã e seus elementos essenciais, assim como os elementos culturais intrínsecos do povo em questão?

O termo teológico *inculturação* resume todo um programa de renovação teológica, pastoral, litúrgica, catequética, que busca reorientar a presença do cristianismo no mundo e dá sentido à missão ao exigir um diálogo com a diversidade cultural da humanidade. O reconhecimento desse fato significa que o pluralismo das culturas e das religiões que marcam fortemente a época atual impelem para ir mais longe na análise.

Assim, durante as reflexões, propõe-se um diálogo mais próximo entre o termo teológico *inculturação* e o viés crítico da acepção

de cunho social e histórico, *interculturalidade*. Entende-se que, desse modo, atende-se ao imperativo do tempo contemporâneo que o cristianismo deve assumir, se quiser estar à altura das exigências dos contextos universais que planteiam a convivência humana com a pluralidade das culturas e das religiões.

Tem-se como objetivo principal discutir os elementos culturais dos povos andinos à luz da fé e ao desenvolvimento de uma teologia própria. Quanto à proposta secundária, abarca os seguintes pontos específicos: situar o contexto do mundo indígena, em particular o andino, e sua religiosidade; revisitar a reflexão sobre inculturação, desde uma perspectiva latino-americana, com a contribuição da filosofia e teologia andina e em diálogo interdisciplinar; confrontar o tema da interculturalidade com o magistério da Igreja, especialmente as Conferências do Episcopado Latino-americano: Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). O que a investigação pretende é uma aproximação com a sistematização da Teologia Andina. A pesquisa desta obra é de caráter bibliográfico, e se baseia na compilação dos testemunhos e dados a partir da leitura de várias obras, que darão sustento teórico para responder às perguntas fundamentais já formuladas no problema.

Há que se destacar a vertente missiológica do material bibliográfico proporcionado pelo *Instituto Latinoamericano de Misiología*, ILAMIS (Cochabamba), e sua editora, *Itinerarios*, ao oferecer, em tempos pandêmicos, material suficiente para o suporte teórico na área da teologia índia e andina de forma que a pesquisa não conseguiu avançar para uma experiência *in loco*. Em seguida, a descrição de algumas obras destaque e autores-chave.

A primeira é a de Nicanor Sarmiento Tupayupanqui, indígena peruano, com sua obra de 2016, *Un arco iris de voces teológicas: la trilogía andina desde la experiencia quechua y aymara*. A investigação se apropriou desse aporte teórico para entender a expansão e a sistematização das teologias andinas cristãs, através desse estudo missiológico e antropológico da denominada trilogia andina: cosmos, transcendência e comunidade. O autor explora,

analisa e organiza os elementos antropológicos e teológicos que se encontram na trilogia andina, para procurar o desenvolvimento das teologias andinas enraizadas nos valores culturais e as tradições cristãs dos povos. Foi forte inspiração para dar início ao diálogo interdisciplinar que, de certa forma, permeia esta obra.

O teólogo argentino e com imersão no mundo andino, Lucas Cerviño, mediante sua obra *Otra misión es posible: dialogar desde espacios sapienciales e interculturales*, de 2010, abriu as portas para a história do povo dos Andes em sua complexidade que se desvela como múltipla, intercultural e inter-religiosa. Ele apresentou um método que tem sabor de mística e deve ser usado para a elaboração de um círculo hermenêutico teológico e intercultural, uma maneira de fazer teologia e que, ao mesmo tempo, é missão, ferramentas de interpretação que não são imposição e sim, proposição.

O contexto da pesquisa exigiu se restringir ao mundo andino e à sua experiência cultural-teológica. Nesse meio, o filósofo e teólogo Josef Estermann foi descoberto em uma visita breve à editora *Abya Yala*, em Quito (Equador), no ano de 2018. Apresenta-se como um dos grandes tradutores da experiência andina para o mundo ocidental, para um diálogo intercultural decidido e descolonial. Com rigor científico e experiência de imersão nos cântaros das sabedorias indígenas *quéchuas* e *aymaras*, usando o diálogo “diatópico”, sua obra é toda uma novidade ao reler a filosofia e a teologia desde uma perspectiva diferente, a dos povos autóctones andinos. Já a *Filosofia Andina: estudio intercultural de la sabiduría andina*, de 1998, fundamenta que para poder se aproximar do mundo andino é preciso romper com o eurocentrismo e ocidentalismos implícitos na mesma definição e delimitação do que se entende por pensamento filosófico. Assim, a opção deve recair por um enfoque intercultural, em que a filosofia intercultural é uma forma de ver, uma atitude comprometida e um certo hábito intelectual que penetra todos os esforços filosóficos. Em *Cruz y Coca: hacia la decolonización de religión y teología*, de 2014, e em *Más allá de Occidente: apuntes*